

## FENÔMENO SOCIAL ESPORTE NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA<sup>1</sup>

Jocimar Daólio\*

**RESUMO.** Tomando o esporte como fenômeno sociocultural, esse trabalho discute sua inserção no currículo de formação de profissionais de educação física, refutando a exclusividade da dimensão técnica, corrente na área. Um curso que privilegie a dimensão técnica do esporte não estará formando profissionais capazes de considerar a contínua significação e ressignificação das modalidades esportivas por parte dos diversos grupos humanos ao longo do tempo. Ao invés de um currículo estruturado por modalidades esportivas, o trabalho propõe a consideração de três dimensões ou momentos em relação ao esporte: o "treino dos olhos", a pedagogia dos esportes e a divisão por grupos de modalidades. A intenção é contribuir com a formação de profissionais de educação física para que trabalhem numa perspectiva mais crítica e transformadora e não sejam, apenas, reprodutores da dimensão técnica.

**Palavras-chave:** formação profissional, educação física, esporte.

## SPORT AS A SOCIAL PHENOMENON IN PROFESSIONAL TRAINING IN PHYSICAL EDUCATION

**ABSTRACT.** Regarding sport as a sociocultural phenomenon, its insertion in the curriculum for professional training in physical education is discussed in this paper refuting the exclusiveness of current technical dimension. A course that gives too much relevance to sport technical dimension won't be training professionals able to consider the continuous change of sport modalities meaning by different human groups in the course of time. Instead of a course curriculum structured by sport modalities, this paper proposes that sport may be considered in three dimensions or moments. The "eyes training", the sport pedagogy and the division into groups of modalities. It is intended to be a contribution to the training of physical education professionals so that they may work within a more critical and transforming perspective, and not only reproduce the technical dimension.

**Key words:** physical education, professional training, sports.

O título desse artigo é sugestivo, porque toma o esporte como um fenômeno social e não apenas como um conjunto de técnicas ou regras. Talvez isso pareça óbvio mas não foi sempre assim, e, infelizmente, ainda não é unânime, na

área, essa dimensão social do esporte. Minha formação profissional, por exemplo, ocorrida na década de 70, não me deu subsídios para pensar o esporte para além da sua dimensão técnica. A formação atual de grande parte dos profissionais

<sup>1</sup> Este texto refere-se à minha exposição em mesa-redonda no VII Seminário do Movimento Estudantil e Esporte, realizado em Niterói, RJ, no período de 17 a 20 de Abril de 1998. Teve por título "A História do Planeta Bola: um debate sócio-cultural do fenômeno esportivo" e foi publicado nos anais do evento.

\* Professor da Faculdade de Educação Física da Unicamp, Campinas, São Paulo.

**Endereço para correspondência:** Rua Pedro Vieira da Silva, 595/24-C. Jardim Santa Genebra. CEP: 13.080-570

de educação física, que se dá na maioria dos mais de 150 cursos superiores espalhados pelo Brasil, ainda não consegue tratar o esporte nas suas dimensões históricas, culturais, sociológicas, econômicas, como fenômeno de **marketing** etc. A grande quantidade de horas nas disciplinas que tratam o esporte nos cursos de formação profissional em educação física ainda é destinada aos aspectos técnicos das modalidades, fazendo com que os alunos, futuros professores, pratiquem os fundamentos esportivos na duvidosa premissa de que basta os alunos saberem fazer para saberem ensinar futuramente.

Considero o esporte como um dos quatro ou cinco grandes conteúdos da educação física, juntamente com a dança, a ginástica, o jogo e a luta, compondo a chamada Cultura Corporal (conforme Bracht, *et al.*, 1992), ou Cultura Física (conforme Betti, 1992), ou Cultura Corporal de Movimento (conforme Bracht, 1996), ou, ainda, Cultura de Movimento (conforme Kunz, 1991). Não cabe, nesse momento, matizar as diferenças entre esses conceitos. Percebam somente a quantidade de obras, de autores e de títulos para indicar uma outra dimensão do homem quando realiza atividades físicas. Até há poucos anos, a única forma de se compreender esse fenômeno era por meio de análises fisiológicas.

Várias perspectivas, atualmente, concordam que o esporte faz parte de uma dimensão da cultura humana, constituindo-se, ao mesmo tempo, em produção e expressão do homem. O esporte não é um dado de natureza; não é um elemento a-histórico ou a-político. O homem, ao longo de sua história, de cerca de quatro milhões de anos, foi construindo uma cultura ligada às questões corporais, de movimento, de lazer, de saúde, produzindo um vasto conhecimento sobre essas dimensões. Assim foram sendo criados os jogos, as danças, as técnicas de luta, as formas de utilização e o cuidado com seu corpo e, mais recentemente, o esporte.

Tenho preferido a expressão cultura esportiva (conforme Betti, 1993) ao invés de esporte, a fim de enfatizar sempre esse caráter dinâmico de produção humana. Segundo o autor, a Cultura Esportiva faz parte da Cultura Corporal, que, por sua vez, é parte da cultura humana. Sendo visto como um elemento de

cultura, o esporte manifesta um movimento dialético entre os movimentos padronizados, as técnicas, as regras e a sua efetivação num determinado momento e num grupo específico. É nesse sentido que o autor fala do **texto** do esporte e de seu **contexto**. Não se trata somente das variações de regras de determinada modalidade ou da criação de outras a partir de um modelo (como o voleibol de areia, por exemplo), mas da própria inserção de uma mesma modalidade em contextos específicos, estabelecendo formas diferentes para se jogar o mesmo esporte.

Essas dimensões do texto e do contexto dão conta da compreensão do esporte como fenômeno sociocultural, uma vez que consideram a construção do esporte ao longo do tempo e as suas variadas inserções nos diversos contextos. Da mesma forma que o homem é, ao mesmo tempo, fruto e agente da cultura, uma modalidade esportiva é construída pelo homem, expressando a forma como ele concebe o mundo e sendo transformada por esse mesmo homem em função do tempo, do espaço e dos valores próprios de cada grupo.

Esse processo de criação e de transformação de uma modalidade esportiva dá-se por meio de uma manipulação de símbolos, característica que distingue o homem de outros animais. O homem vai atribuindo significados a tudo o que faz, procurando dar sentido às suas ações. São esses significados que diferenciam os inúmeros grupos humanos espalhados pelo mundo e ao longo da história. Assim, uma mesma modalidade esportiva, mundialmente codificada com regras e técnicas definidas por uma confederação, é praticada com estilos diferentes, porque os significados a ela atribuídos pelos diversos grupos são diferentes. Foi o caso, por exemplo, do voleibol no Brasil que, até duas ou três décadas atrás, era uma prática tida como feminina. Os praticantes do sexo masculino eram vítimas de preconceitos. Por outro lado, o futebol era considerado esporte exclusivamente masculino, em nosso país, até há poucos anos. Esses fatores socioculturais interferem decisivamente na prática de um esporte, atraindo certas pessoas e afastando outras, dando características específicas a cada modalidade, em cada época e em cada contexto.

Um outro fenômeno interessante que acontece com o esporte é sua contínua transformação em outras modalidades. Parece ter sido o caso do voleibol que, após um período sendo praticado só em ginásios, incorporou uma demanda popular de prática nas praias, desdobrando-se em voleibol de areia, não mais com seis jogadores, mas com dois. Esse voleibol de areia, inicialmente praticado de forma lúdica nas praias brasileiras, foi institucionalizado, com competições profissionais, chegando a fazer parte dos Jogos Olímpicos. A partir do voleibol de areia, já temos hoje o chamado voleibol 4 x 4, sem falar do futvolei, que incorpora elementos do futebol numa quadra de voleibol.

Retomando a questão da formação profissional em Educação Física, parece claro que um curso que privilegie a dimensão técnica do esporte não estará formando profissionais capazes de considerar a contínua significação e ressignificação das modalidades esportivas por parte dos diversos grupos humanos ao longo do tempo. Um currículo que trate de algumas modalidades esportivas, como o basquetebol, o voleibol, o handebol, o atletismo, a natação e a ginástica artística, priorizando a dimensão técnica, não estará propiciando a discussão do esporte como parte da cultura humana.

Nessa linha de pensamento, podemos refutar a concepção de um currículo de educação física estruturado por modalidades. Porque, como vimos, se o esporte é expressão da cultura, ele será sempre dinâmico e currículo nenhum conseguirá abarcar todas as modalidades esportivas do mundo, em todas as suas variantes. Além disso, um currículo de faculdade não deve ficar submetido aos apelos da mídia. Se ele deve, por um lado, obviamente, estar conectado a ela, deve, por outro, também ser crítico em relação a ela, procurando formar profissionais que não sejam vítimas inertes da mídia, mas que possam interferir nesse processo. Ora, se a mídia realçar a moda da bolinha de gude para o próximo verão, nós deveremos incluir a disciplina Bolinha de Gude nas grades curriculares dos cursos de Educação Física? Entendo que não!

Num curso de formação profissional em educação física creio ser importante, inicialmente, desenvolver a capacidade de olhar. É o que eu chamo de treino dos olhos. É necessário

saber olhar para um fenômeno (não só o esporte, mas também a dança, a ginástica, o jogo) antropologicamente, filosoficamente, historicamente, psicologicamente, biologicamente, biomecanicamente, esteticamente, sociologicamente, politicamente etc. A mesma prática esportiva que se realiza numa quadra, ou na rua, ou num estádio, permite múltiplas análises, a partir da perspectiva pela qual é olhada. Pode-se ver uma partida de futebol, considerando que essa prática é expressão maior da cultura brasileira, compreendendo manifestações, por vezes desmesuradas, de jogadores, de dirigentes e da própria torcida. Pode-se observar um atleta saltando a partir de suas relações com o espaço, analisando sua velocidade, impulso e apoio no solo. Pode-se admirar a harmonia estética de uma partida de basquetebol. Pode-se analisar a influência da mídia na construção de determinada modalidade esportiva. Pode-se compreender a dimensão política de um feito esportivo quando um governo utiliza-o como propaganda, como foi o caso da conquista do tri-campeonato mundial de futebol por parte do Brasil em 1970. Pode-se compreender a dimensão do atleta, feito mercadoria de troca entre grandes empresas multinacionais.

Enfim, é necessário que um curso de formação profissional instrumentalize o futuro professor a ser capaz de considerar outros aspectos do esporte – e não só do esporte – que vão além da dimensão técnica ou tática. Sendo o esporte um fenômeno mundial dos mais importantes atualmente, deve-se tratá-lo de maneira múltipla e plural.

Num segundo momento, entendo ser necessário, num curso de formação em Educação Física, discutir a dimensão do ensino dos esportes. Tradicionalmente, o que temos visto é a subdivisão do currículo por modalidades, fato que gera um duplo engano. Primeiro, por não haver tempo disponível para desenvolver todas as modalidades, até porque elas não se esgotam numa lista, mas são fruto, como vimos, de uma dinâmica sociocultural, passando por modificações e por recriações ao longo do tempo. Segundo, por isolar a dimensão pedagógica do ensino dos esportes em cada modalidade, como se a pedagogia do voleibol fosse diferente da pedagogia do basquetebol, e

essas diferissem, por sua vez, da pedagogia do futebol, e assim por diante.

Prefiro falar numa pedagogia dos esportes e não em pedagogias de modalidades esportivas. Aliás, o que se vê nos cursos tradicionais de educação física são as chamadas seqüências pedagógicas, que pretendem, analiticamente, uma desmontagem e uma remontagem dos esportes, acreditando na falsa premissa de que o esporte completo é a soma de seus fundamentos ou de suas técnicas. Assim, o voleibol resumir-se-ia na somatória do toque, da manchete, do saque, da cortada etc.; o basquetebol constituir-se-ia na soma do drible, do passe, da bandeja, do arremesso... O mero cumprimento e repetição das seqüências de fundamentos da modalidade garantiria, ao final do processo, a execução global. Se é isso que se pretende com as crianças, nas escolas e nos clubes, é a mesma coisa que se faz com os alunos dos cursos de formação profissional em educação física.

Atualmente, alguns autores (Bayer, 1994; Garganta, 1995) têm estudado o ensino dos esportes, considerando as similaridades entre as modalidades esportivas. Afinal, todas as modalidades tiveram origem similar, no mesmo momento histórico do século XIX. Para além das diferenças entre o basquetebol, o futebol e o handebol, para dar um exemplo apenas, as três modalidades implicam uma situação de oposição, de posse e condução de bola, de necessidade de organização tática de ataque, de necessidade de finalização em um alvo e de organização tática de defesa que impeça o adversário de atingir o seu alvo. Ora, se estruturalmente as modalidades coletivas se assemelham, por que não desenvolver uma pedagogia comum, que parta de elementos comuns a todas elas, para se alcançar, posteriormente, a tipificação por modalidades? Parece óbvio, mas os cursos de formação profissional em educação física não propiciam essa reflexão aos seus alunos. Aliás, é interessante observar que grande parte dos professores de modalidades esportivas dos cursos de formação são ex-praticantes daquela modalidade, muitas vezes reproduzindo práticas antigas das quais foram alvo há muitos anos, não se constituindo em estudiosos da pedagogia dos esportes de maneira global.

A partir dessas considerações, é possível pensar em algumas mudanças para os currículos dos cursos superiores de Educação Física no que tange ao conteúdo esporte. Ao invés de se elegerem as modalidades esportivas consideradas principais no universo esportivo, parece necessário encontrarem-se outras formas de classificação, a fim de se conseguir dar conta de uma pedagogia comum aos esportes e, ao mesmo tempo, ter uma abrangência maior em relação às modalidades.

Pode-se trabalhar em dois grandes blocos, com as modalidades esportivas coletivas (como, por exemplo, o basquetebol, o futebol, o handebol, o voleibol, o rugby etc.) e com as individuais (como a ginástica artística, o atletismo, além de outras). Talvez a reconstituição da história das modalidades esportivas possa ser útil nessa classificação, principalmente no trato com as modalidades coletivas, começando com princípios comuns aos esportes, para depois serem feitas as diferenciações entre as modalidades. Afinal, foi o que aconteceu na história das modalidades esportivas.

Pode-se pensar, também, no grupo das modalidades aquáticas (como a natação, o pólo aquático e os saltos ornamentais). Deve-se considerar, ainda, aquelas que necessitam de implementos ou materiais (como o tênis de campo, o beisebol, o hóquei, o *badminton* etc.). Um outro bloco é o dos esportes chamados de radicais (como o *surf*, o *skate*, o paraquedismo, o vôo livre, além de muitos outros). Há ainda os esportes que se originaram a partir das lutas (aqui entrariam o judô, a luta greco-romana, a esgrima, o boxe e outras).

Cada um desses blocos seria uma disciplina do currículo de graduação em Educação Física, com uma carga horária maior, a fim de dar conta de um grupo de modalidades, podendo ser desenvolvido por vários professores. A principal vantagem seria o estabelecimento de uma linha de atuação conjunta, criando aquilo que estamos chamando, aqui, de uma pedagogia dos esportes. Atualmente, como já afirmei, cada professor desenvolve as seqüências pedagógicas de sua modalidade, sem relacioná-las com outras e sem contextualizá-las, não se preocupando com o fenômeno esporte em sua totalidade.

É importante que as disciplinas de pedagogia dos esportes estejam vinculadas ao conjunto de disciplinas iniciais, que dariam condições aos alunos de procederem aos diferentes olhares sobre o fenômeno corporal humano. Se essa vinculação não for realizada, haverá um sério risco de termos, por um lado, um olhar teórico “desencarnado”, vazio, abstrato e, por outro, uma pedagogia tecnicista, sem sustentação teórica, apenas um fazer por fazer.

Concluindo essa nossa conversa sobre o esporte na formação profissional em educação física, devo afirmar que minhas reflexões não tiveram por intenção a proposta de um novo currículo. O que pretendi fazer foi levantar algumas questões a partir de minha formação profissional, de minha atuação como professor de 1º e 2º Graus durante muito tempo e, nos últimos anos, de minha participação como docente de um curso de formação profissional em educação física. A partir dessa minha inserção, tenho visto certas lacunas na formação de professores de educação física, principalmente em relação ao conteúdo esporte, que parece constituir-se no principal conteúdo da área. As reflexões aqui desenvolvidas apontam para a necessidade de transformações

nos currículos, transformações essas que carecem ainda de maior profundidade e de maior debate, a fim de que possam ser implementadas. A intenção é a de que o profissional de educação física seja formado com mais condições de atuar junto ao fenômeno esporte, numa perspectiva mais crítica e transformadora, e não seja um reprodutor somente da dimensão técnica.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAYER, C. *O ensino dos desportos colectivos*. Lisboa: Dinalivros, 1994.
- BETTI, M. Ensino de primeiro e segundo graus: educação física para quê? *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. 13(2):282-287, 1992.
- BETTI, M. Cultura corporal e cultura esportiva. *Revista Paulista de Educação Física*. 7(2):44-51, 1993.
- BRACHT, V. Educação física no 1º Grau: conhecimento e especificidade. *Revista Paulista de Educação Física*, supl. n 2, p. 23-28, 1996.
- BRACHT, *et al.* *Metodologia do ensino de educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.
- GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. *In: GRAÇA, A. e OLIVEIRA, J. (Orgs.) O ensino dos jogos desportivos*. Porto: Universidade do Porto, 1995.
- KUNZ, E. *Educação física: ensino e mudanças*. Ijuí: Livraria Unijuí Editora, 1991.
-